

Objetos, atores e espaços: As coleções de *americana* do Gabinete Salvador através de suas redes de comunicação e comércio (1669-1726)

JULIANNA MORCELLI OLIVEROS

Museo de La Plata

Resumo

Durante a primeira Idade Moderna, a Europa presenciou a formação de inúmeros gabinetes de curiosidades que reuniram coleções com amostras naturais de todo o mundo. A natureza das Américas ocupou um lugar importante não apenas nestes espaços, mas também nas atividades científicas daqueles que se aventuraram nos novos desafios epistemológicos da História Natural. A partir do estudo de caso do Gabinete Salvador, coleção formada e mantida por uma longa linhagem de boticários e naturalistas de Barcelona, este artigo analisará como uma coleção de *americana* se formou e os muitos significados que esta categoria podia assumir nas redes de comunicação e comércio que a articulavam. Através da correspondência privada de Joan Salvador i Riera – terceira geração da família –, pretende-se demonstrar os diferentes lugares que a natureza americana ocupou em sua atividade e coleção, bem como conhecer a dinâmica de sua articulação.

Palavras-chave: redes científicas; correspondência epistolar; *americana*; atores; espaços

Abstract

During the first modern age, Europe bore witness to the rise of numerous curiosity cabinets that curated collections of natural samples from across the globe. The nature of the Americas held a significant place within these spaces, shaping the scientific endeavors of those who delved into the new epistemological challenges of natural history. Focusing on the case study of

juliannam.oliveros@gmail.com

the Salvador cabinet, a collection formed and maintained by a long line of apothecaries from Barcelona, this article aims to analyze how a collection of *americana* was formed and the many meanings that this category could assume in the communication and networks that articulated it. By analyzing the private correspondence of Joan Salvador I Riera—third generation of the family—, the aim is to demonstrate the different places that American nature occupied in his activity and collection, as well as to understand the dynamics of its articulation.

Keywords: scientific networks; epistolary correspondence; Americana; actors; spaces

Peço-lhe, senhor, que tenha a gentileza de compartilhar comigo uma parte das plantas e outras curiosidades que receba das Índias, como conchas, borboletas e outras, cujo estudo sou um grande entusiasta. Se você desejar petrificações, sal de Cardona, conchas, plantas marinhas e plantas secas, enfim, qualquer coisa compreendida na História Natural, compartilharei com vocês tudo o que temos na Catalunha.¹

Com estas palavras, Joan Salvador i Riera (1683-1726), um jovem boticário em início de carreira, nascido e estabelecido em Barcelona, conquistaria a atenção de James Petiver (1663-1718), boticário, naturalista e colecionador inglês que mantinha, nos fundos de sua botica (farmácia) na capital inglesa, um gabinete de curiosidades.² Através desta carta que marcaria o começo de uma longa e frutífera correspondência que perduraria até a morte do boticário inglês, em 1718, Salvador pretendia aprimorar não somente seus conhecimentos em História Natural, mas também ampliar suas coleções, tanto em volume quanto em alcance.

Embora compartilhassem o mesmo ofício e o interesse pela História Natural, estes não eram os únicos pontos em comum entre Salvador e Petiver. Ainda que suas atividades e aspirações profissionais e intelectuais convergissem em muitos aspectos, suas performances se desenvolveram em cenários distintos.³ Enquanto James Petiver atuava em Londres, uma cidade com forte tradição científica e berço de diferentes espaços institucionalizados envolvidos com a agenda, Joan Salvador estava enraizado em Barcelona, uma cidade que, apesar de bem conectada geograficamente, não contava com o aparato dos grandes centros. Mesmo com estruturas distintas, a capital catalã esteve arraigada na malha científica através da participação de diferentes atores e espaços que a mantiveram ativa e atualizada.

Este é o caso de Joan Salvador, que acabava de tomar a frente de um empreendimento que estava, naquela altura, nas mãos da terceira geração de sua

família. O gabinete de curiosidades da família Salvador, como ficou conhecido, abrigava coleções de *naturalia* e *artificialia* reunidas até então por seu avô paterno, Joan Salvador i Boscà (1598-1681), e por seu pai, Jaume Salvador i Pedrol (1649-1740). Estas três gerações da linhagem, à qual se soma também Josep Salvador i Riera (1690-1761), irmão e sucessor de Joan Salvador, foram os responsáveis por projetar e manter o gabinete bem conectado às redes científicas contemporâneas, cuja atividade cobre quase um século e meio, de 1616 a 1761. Contudo, três gerações sucessivas, que já não exerciam o ofício de seus antepassados e parecem ter lidado com as coleções sob diferentes perspectivas, seguiram incorporando novos materiais ao gabinete, mas, principalmente, mantendo-o aberto a visitantes e estudiosos por mais um século.⁴ Durante toda sua longa existência, o gabinete esteve organizado nos fundos da botica familiar, situada na *Calle Ancha*, um ponto bem comunicado com o porto e com o centro urbano e comercial da capital catalã.⁵

A proximidade entre colecionismo naturalista e boticários – assim como médicos e cirurgiões – não era uma novidade no momento em que o gabinete Salvador foi idealizado e ganhava forma e visibilidade. Essa relação já bem assentada, esteve intimamente conectada com as transformações dos propósitos colecionadores que, já no século XVI, foram influenciados pelo impacto das mudanças paradigmáticas e epistemológicas surgidas com o advento da expansão geográfica e a conseqüente exploração do mundo natural dos territórios conquistados.⁶

A consolidação da História Natural como campo do saber por excelência nesse contexto, fez da disciplina, juntamente com a chamada *materia médica*, o meio propício para receber, conhecer, exhibir e comunicar as novidades de um mundo natural cada vez mais expandido. O novo método analítico dialogou diretamente com o exercício daqueles que, tais como os boticários da família Salvador, extrapolaram a mecanicidade de seu ofício e dedicaram-se a reunir, estudar e compartilhar materiais, assumindo, como há muito a historiografia vem demonstrando, um importante papel na produção e circulação de conhecimento.⁷

Estes novos atores não apenas desenvolveram o desejo pela natureza como reconheceram a importância de “possuí-la”, como há exatos trinta anos nos ensinou Paula Findlen.⁸ Um objetivo fomentado e viabilizado pela dimensão comercial que a natureza assumiu nesse contexto e garantiu o fluxo de materiais para as coleções.⁹ Isso explica, portanto, o movimento que diversificou os espaços destinados ao colecionismo naturalista, permitindo que uma botica se configurasse também como ambiente de ciência. Esta definição, por sua vez, ganhava sentido a partir das práticas científicas desenvolvidas em torno da cultura material ali reunida: viagens formativas, de herborização e coleta, cultivo e aclimatação de espécies em jardins experimentais, intercâmbios de materiais

e informações, etc. Além dessas e muitas outras práticas, José Pardo-Tomás chamou atenção para o papel fundamental que a escrita ocupou nesta dinâmica.¹⁰ Dentre os diferentes tipos de escrita produzidos em um gabinete de curiosidades, e nas redes como um todo, destacou-se a correspondência epistolar.¹¹ Através do intercâmbio de cartas, colecionadores puderam se conectar a uma rede cada vez mais densa e extensa, enriquecendo coleções – suas próprias e de colaboradores – e promovendo sua atuação enquanto naturalistas e personalidade científica.

Esta condição foi experimentada, à princípio, por todo o continente europeu e, dentro da Espanha, não foi uma exclusividade da família Salvador.¹² Desde muito antes, ainda no século XVI, Nicolás Monardes, médico estabelecido em Sevilha, movimentou um intenso comércio com seus colaboradores para seguir com suas observações e estudos sobre a História Natural americana,¹³ cuja obra e memória permaneceram vivas nas bibliotecas e nos experimentos taxonômicos de muitas gerações futuras de naturalistas e colecionadores, como o próprio Salvador.¹⁴ A influência de Monardes, no entanto, não seria apenas como referência teórica. Os bons resultados das experiências vividas no espaço circunscrito de suas atividades criaram uma imagem que classificava aquele entorno como um lugar privilegiado para descobrir e possuir a natureza das Américas que ia muito além da posição geográfica.

Ainda não sabemos de que forma as diferentes gerações da família Salvador foram impactadas pela obra de Monardes e qual era o interesse particular que cada um deles nutria pela natureza americana – faltam estudos dedicados ao tema. O que se sabe, e se pretende demonstrar nas páginas que se seguem, é que Joan Salvador i Riera, com a participação de seu pai, procuraria ao longo de sua vida profissional e intelectual enriquecer as coleções de *americana* do gabinete familiar. Para isso, tratou de aproximar-se de potenciais contatos que fossem capazes de promover um comércio e garantir o acesso aos materiais de seu interesse. A expansão das redes de contato e comércio, através da correspondência epistolar, se revelou não apenas como uma alternativa, mas como uma necessidade.¹⁵

A construção de uma categoria

É neste contexto que James Petiver receberia a carta de apresentação de Joan Salvador na tentativa de conectar os dois núcleos, catalão e inglês, onde seria direto em suas reivindicações, reforçando seu objetivo de conseguir amostras de natureza exótica, definida por ele através do termo *Indias*. Neste aspecto, é plausível interpretar que o pedido de Salvador se referia à *naturalia* estrangeira, portanto, exótica. Vale ressaltar, em breve contextualização, que a fluidez dos

princípios taxonômicos da época atribuíam a qualidade de exótico não apenas aos espécimes e artefatos oriundos de outros continentes, como a América. A natureza de terras longínquas e inacessíveis dentro da própria Europa também podia pertencer a esta classificação, como é o caso das porções catalãs do Mediterrâneo, como as Ilhas Baleares e as montanhas dos Pirineus.¹⁶ Uma ambiguidade que, como coincidem em assinalar Martin Kemp e Daniela Bleichmar, podia derivar das muitas possibilidades interpretativas que um mesmo objeto natural representava.¹⁷

Embora na ocasião Salvador não manifestasse, literalmente, seu desejo por *americana*, a leitura e análise de sua correspondência privada, tanto com Petiver quanto com outros indivíduos de sua rede, sugere que esta categoria teria se construído, ainda que nunca tenha sido assim por ele nomeada.¹⁸ A alegoria *americana* aqui empregada se refere, portanto, aos materiais de procedência da América que foram articulados sob diferentes expressões que assumiram o mesmo sentido e corresponderam a um grupo bem definido, que se diferenciou e se destacou dentro das categorias convencionais de classificação (*naturalia*, *artificialia*, etc.) reconhecidas e utilizadas por Salvador.

Mais do que um desejo genuíno, no entanto, a meta de Salvador em formar uma coleção de *americana* demonstrou ser fruto de distintas conveniências oportunamente construídas e articuladas.¹⁹ Se os maiores territórios americanos conquistados pelos europeus pertenciam justamente aos reinos ibéricos, o direcionamento de Salvador à Londres pode, em um primeiro momento, causar alguma estranheza – embora o interesse e envolvimento de James Petiver com o colecionismo e estudo da natureza americana fosse reconhecido, como atesta a carta de Salvador.²⁰ A lógica, neste caso, se traduzia em uma oportunidade, que trazia consigo algumas conveniências. A correspondência entre Salvador e Petiver foi marcada por inúmeros e distintos artifícios de retórica empregados com diferentes propósitos, mas sempre como aliados das estratégias pelos resultados que se esperavam com o comércio em andamento.²¹ A carta de apresentação escrita por Salvador foi bem recebida por Petiver que, tal como Salvador, nele identificaria um potencial fornecedor de *naturalia* estrangeira – e americana – ele também reconheceria em Salvador um meio para obter amostras da natureza “exótica” catalã. A qualidade do contato que se estabelecia, portanto, talvez justificasse o pronto retorno de Petiver que escreveria não uma, mas duas cartas a Joan Salvador em um curto período.²² Sem resposta para sua primeira, Petiver não desistiria do potencial do comércio em construção, especialmente porque, naquela nova ocasião, ele tinha um recurso ideal, que aumentava as suas chances de alcançar o que pretendia com aquela promissora relação:

Embora eu não tenha recebido uma resposta à minha última [carta], não posso perder a oportunidade de lhe escrever através deste curioso cavalheiro e meu digno amigo, Dr John Lecaan, um dos médicos da Sua Majestade da Grã-Bretanha, a quem recomendo ao seu conhecimento e amizade. Dele você receberá uma coleção de cerca de 100 plantas secas com 20 samambaias inglesas e 30 musgos, 40 gramíneas da Índia Oriental, *Cyperus* e juncos, o resto charnechas do Cabo, *officinalis* americanos, etc, com 25 borboletas inglesas e algumas americanas.²³

Com a referida carta em mãos, juntamente com as coleções anunciadas que, dentre outros elementos, estava composta por plantas e borboletas americanas, o intermediário encarregado por Petiver chegaria até Salvador e efetivaria, não apenas o comércio entre os dois naturalistas, mas também atenderia a uma demanda pessoal. Médico e militar, John (ou Jean) Polus Lecaan estava em campanha junto da armada inglesa na Guerra de Sucessão Espanhola (1701-1715) e, entre indas e vindas, permaneceu na Espanha por aproximadamente sete anos, de 1705 a 1711.²⁴ Recém-chegado a Barcelona – cidade onde, assim como Valência e Tarragona, se fixaria – era conveniente para ele estabelecer boas relações com indivíduos influentes localmente, ainda mais se estes fossem proprietários de uma botica. Sua participação nessa triangulação, no entanto, iria muito além do papel instrumental da intermediação e seria movida de acordo com seus próprios interesses, dissipando o poder da influência e da posição que as outras partes envolvidas exerciam e ocupavam. Uma dinâmica que promoveu o distanciamento das definições hierárquicas de seus participantes, compelindo-os a exercerem indistintamente, em algum momento, os papéis de provedores, receptores e intermediários.²⁵

Foi nesse cenário profundamente marcado por interesses particulares divergentes, e não poucas vezes conflitantes, com normas de conduta bem estabelecidas que impunham certas regras de como proceder para garantir o bom funcionamento do comércio e das redes como um todo, que a natureza das Américas se configuraria tanto como uma conveniência, quanto como um desejo manifestado e bem definido. Esta classificação, que acabava por distinguir o objeto desejado do objeto conveniente, passava invariavelmente pelas oportunidades geradas pelas circunstâncias e fundamentalmente pela qualidade dos contatos que as promoviam.

Diante de interesses tão distintos decorrentes de atores plurais, identificamos que a “natureza americana” articulada por Joan Salvador assumiu diferentes dimensões, e precisou ser tratada a partir de uma leitura que rompesse, também, com categorias e classificações pré-estabelecidas. A complexidade singular con-

ferida a este tipo de material estava intimamente relacionada com o processo de aquisição que, dadas as suas dificuldades intrínsecas, se justificavam, de certa forma, nos ganhos que eram capazes de proporcionar. Em outras palavras, a manipulação de um único objeto dialogava com todas as frentes de atuação que o indivíduo exercia, já que o mesmo colecionador podia ser também, como é o caso dos Salvador, boticário, comerciante, naturalista e aí por diante. Assim, as fronteiras de classificação se mostraram difusas, resultando em significados fluídos e mutáveis.

Compreender o *lugar* que a *americana* ocupou nas relações e atividades científicas, profissionais e comerciais dos Salvador, através da performance de Joan Salvador i Riera, aporta novas narrativas às redes científicas de comércio e comunicação, nos permitindo conhecer, a partir de um novo estudo de caso, como personagens com o seu perfil transformaram seu espaço de atuação em uma área de influência e de ciência.

A família Salvador: a internacionalização de um gabinete

Ao longo dos quase dois séculos e meio em que esteve ativo, o gabinete de curiosidades da família Salvador experimentou muitas fases, sendo um autêntico testemunho dos interesses de seus respectivos proprietários segundo a época em que viviam. Idealizado por Joan Salvador i Boscà, que reuniria as primeiras coleções coletadas em suas expedições de herborização ao redor da Catalunha, o gabinete Salvador se estruturaria, de fato, com seu filho, Jaume Salvador i Pedrol.²⁶

Além da herança profissional, Jaume Salvador herdaria de seu pai as coleções embrionárias do gabinete, que incluía também uma biblioteca, e o interesse pelo estudo do mundo natural. Com o incentivo e suporte de seu pai, Jaume Salvador iniciaria sua vida profissional e intelectual em condições favoráveis, visto que foi o primeiro de sua linhagem a estudar no exterior, uma prática que se tornaria tradição entre os Salvador. Assim, ao ser examinado e aceito pelo Colégio de Boticários de Barcelona, em 1669, e sem muita função na botica familiar – uma competência de responsabilidade do boticário com mais tempo de atuação, no caso seu pai, que ainda estava em plenas condições de exercê-la –, Jaume Salvador ingressou na universidade de Montpellier.²⁷ Em terras francesas, teve oportunidade de aprender botânica junto de Pierre Magnol (1638-1715), através de quem se aproximou de Joseph Pitton de Tournefort (1656-1708) que, tal como Magnol, se consolidaria como um dos botânicos e naturalistas mais conceituados de seu tempo. Com ambos, Jaume Salvador manteria boa e estreita relação e intercâmbios, cuja proximidade foi bastante benéfica para

a internacionalização do gabinete Salvador e da memória científica de seus proprietários.

Enquanto Joan Salvador i Boscà esteve ativo em suas funções, Jaume Salvador teve liberdade para se dedicar aos estudos e investir em sua formação pessoal, transformando-se em um fiel exemplo de um homem da chamada *República das Letras*. Ademais de sua erudição, reconhecida por seus pares, Jaume Salvador conquistaria também prestígio social, consolidando-se como uma autoridade, tanto por sua atuação na organização gremial que regia seu ofício, o Colégio de Boticários de Barcelona (Col·legi d'Apotecaris), quanto ao seu envolvimento com a política local na instituição do auto-governo da Catalunha, o Conselho de Cento (Consell de Cent).²⁸

O período de atividade de Jaume Salvador foi marcado por diferentes episódios de guerras, sobretudo com o território vizinho, a França. A beligerância impactaria nas relações que a família havia construído ao longo dos anos com correspondentes franceses, já que a comunicação e comércio com aquele entorno foram diretamente afetados, fazendo-se necessário estabelecer novos contatos e expandir suas redes para outras direções. Este cenário, por sua vez, iria se repetir de forma ainda mais contundente alguns anos depois, com Joan Salvador i Riera, primogênito de Jaume Salvador. Se seu pai havia tido uma formação privilegiada, não causa nenhuma surpresa que ele mesmo teria oportunidades ainda melhores.²⁹ Seguindo as tradições familiares, Joan Salvador também passou uma temporada no exterior, na companhia de velhos amigos de seu pai, como com Pierre Magnol, com quem também aprimorou seus estudos, em Montpellier, e com Tournefort que o acolheu em sua casa, quando de passagem por Paris. Na ocasião, estabeleceu novas relações, aproximando-se de Guillaume Nissole (1647-1734) e Antoine de Jussieu (1686-1758), mantendo com ambos duradoura amizade e intenso intercâmbio.³⁰ Com Jussieu, ainda, Salvador compartilharia uma viagem que faria do seu desejo de formar uma coleção de *americana* uma verdadeira obsessão.³¹

Embora vivendo boas experiências, o início das atividades científicas de Joan Salvador seria marcado por um conflito bélico de grandes e distintas proporções. Evento chave para a expansão das redes e coleções da família, a Guerra de Sucessão Espanhola foi um problema que, para aqueles que sabiam enxergar na adversidade uma oportunidade, traria consigo parte da solução. De volta à Barcelona, depois de passar anos fora em suas viagens formativas, Joan Salvador encontraria uma cidade completamente diferente da que havia deixado anos antes, graças, em boa parte, ao cosmopolitismo que a guerra lhe havia conferido.³² Isto porque a capital catalã havia sido escolhida para o assentamento da corte do arquiduque Carlos III, candidato austríaco ao trono e, conseqüentemente, das tropas aliadas, nomeadamente ingleses, holandeses

e portugueses. A agitação, contudo, não era exclusividade daquele espaço geográfico, ela foi sentida energicamente em seu próprio ambiente familiar, mais especificamente no espaço físico da botica Salvador. Além do envolvimento esperado de Jaume Salvador com as questões diplomáticas do conflito, devido à sua atuação no Conselho de Cento, o pai de Joan Salvador promovia tertúlias nos fundos do estabelecimento, reunindo estrangeiros e locais interessados em discutir os mais variados temas referentes às vanguardas científicas.³³ Um ambiente propício para um jovem sem muitas atribuições e responsabilidades profissionais, mas com ambição e traquejo suficientes para articular o projeto que movimentaria e transformaria sua carreira.

É nesta conjuntura, então, que novas alianças e conexões começaram a se estabelecer como parte das ações coordenadas com objetivo de promover o gabinete e de se autopromover perante a comunidade científica internacional. Como testemunhas dessa complexa atividade, as cartas conservadas da correspondência privada de Joan Salvador sugerem que dentro deste projeto genérico de enriquecimento e ampliação das coleções, a natureza americana ocupou lugares distintos e foi tratada e articulada de maneiras igualmente distintas.³⁴

A formação de uma coleção de americana

Basicamente, o processo de aquisição de *americana* se desenvolveu em duas frentes. Em uma delas, a categoria recebia a mesma atenção que as demais, sendo desejada como qualquer outra *curiosidade*, onde toda e qualquer amostra era bem-vinda. É nesta divisão, por exemplo, que o comércio com James Petiver se desenvolveu, sempre marcado por um intenso jogo de interesses, onde se tentou, mas nem sempre se conseguiu devido à dinâmica das redes, ocupar e permanecer na vantajosa posição de receptor, conferindo-lhe uma dinâmica própria. A incompatibilidade das expectativas geradas com estes intercâmbios, cobrava desenvoltura de seus participantes e o uso repetido dos artifícios de retórica acabou convertendo as amostras de *americana* em um deles também, se distanciando de sua materialidade.

A complexidade destas relações se deve, em certa medida, ao elevado grau de persuasão que elas sustentaram. Isto quer dizer que o desejo manifestado era usado como meio de manipular e assumir o controle do negócio que se levava a cabo. Nestes comércios, a *americana* foi facilmente substituída por outras coisas que pareciam mais atrativas, quase sempre relacionadas a prestígio e poder. Embora muito presente na correspondência de Petiver, esta característica não era uma exclusividade sua, mas sim um fator muito sentido nas relações

mantidas com personagens de destaque, renomados, que tinham condições de ir além da materialidade dos intercâmbios.

A partir do momento em que os interesses entram em conflito e ameaçam a continuidade dos negócios, outros elementos precisaram entrar em cena para justificar valer a pena insistir em sua sequência. Quando James Petiver, por exemplo, reconheceu que não era mais um contato diferenciado e promissor para Joan Salvador, que naquela altura já havia ampliado sua rede, ele não hesitou em oferecer-lhe algo excepcional:

Eu desejo que você leve isto em consideração e deixe-me saber sua opinião em geral, a qual comunicarei à nossa *Royal Society* e, se desejar, proponho-o como membro, o que eu acredito que não recusarão diante de minha recomendação.³⁵

A proposta de atuar a favor de uma possível candidatura de Salvador como membro da Royal Society de Londres seria uma espécie de recompensa caso o naturalista catalão aceitasse colaborar com os novos projetos de Petiver, ainda que isso obrigasse Salvador, novamente, a assumir o desconfortável papel de provedor. Prontamente, Joan Salvador aceitaria a proposta concordando, ainda que de maneira subentendida, com aquela dinâmica que outrora havia causado muita insatisfação e comprometido a relação entre eles.

A partir do momento em que o que estava em jogo era a candidatura para formar parte da ilustre sociedade científica inglesa, todo o discurso de Petiver envolvendo *americana* passou a ser completamente ignorado por Salvador. Mas, isso não significa que Joan Salvador havia perdido o interesse na natureza americana. Naquela altura, Petiver já não representava, de fato, um contato de qualidade para Salvador nesta demanda, talvez por muito prometer e pouco cumprir.³⁶ Contudo, com a nova estratégia, Petiver conseguiria não só recuperar sua reputação, como controlar a dinâmica da relação. Ao que tudo indica, esta tenha sido a fase mais lucrativa para Petiver em termos de fluxo de material, visto que Joan Salvador não mediria esforços fornecendo tudo o que estivesse ao seu alcance na tentativa de satisfazê-lo e também de impressionar os envolvidos naquele processo como prova de sua performance.

Apesar de sua dedicação, Joan Salvador nunca foi formalmente indicado para a Royal Society. A correspondência conservada analisada não nos dá conta se Petiver efetivamente atuou em seu favor nesta missão ou, tal como parece ter entendido o próprio Salvador, se a proposta não passou de mais uma estratégia do naturalista inglês. Independentemente de como tenha sido, fato é que a ideia de pertencer à tão respeitada instituição gerou grande expectativa em Salvador. Talvez, por isso, ele tenha tentado estabelecer novos contatos com outros

personagens tão ou mais influentes na tentativa de concretizar o seu desejo. Com a ajuda de Lecaan, que àquela altura já não tinha mais nenhum interesse pessoal envolvendo diretamente Petiver que justificasse aguentar as constantes cobranças e reclamações do boticário inglês, Salvador diversificaria sua rede de contatos na capital inglesa. Dentre os novos correspondentes, estava Hans Sloane, então secretário da Royal Society.

As suspeitas de Joan Salvador em relação à atuação de James Petiver são sentidas especialmente em seu comportamento no que diz respeito à uma longa viagem pela Espanha e Portugal que estava prestes a realizar. Sobre o tema apenas diria: “Espero no início de setembro fazer uma viagem à Espanha e a Portugal e lhe manterei informado sobre tudo que eu coletar”,³⁷ tratando o evento de maneira bastante superficial. Apesar das palavras comedidas não aportarem muitas informações, Salvador entendia que o material coletado na viagem poderia ser um diferencial para sua candidatura e, aparentemente, tinha planos de compartilhar com Petiver as coleções que reuniria para esta finalidade, escrevendo-lhe uma nova carta, enquanto estava em Portugal, assegurando-lhe de que as enviaria uma vez que tudo estivesse organizado em seu retorno a Barcelona.

Embora tenha reconhecido que as coleções reunidas e organizadas no âmbito da viagem poderiam ser decisivas para sua aceitação na Royal Society, as mesmas, curiosamente, teriam um destino muito diferente do que esperava Petiver. Ainda que enviadas à Londres, as coleções foram destinadas e confiadas a Hans Sloane, sendo ele o responsável por reparti-las entre todos os destinatários assinalados por Salvador, dentre eles o próprio Petiver. Com esta atitude, Salvador demonstra que Petiver já não transmitia mais a segurança que necessitava para confiar, com exclusividade, suas descobertas botânicas. Muito provavelmente, ao conhecer o comprometido estado de saúde de Petiver, Salvador entendeu que aquela relação já não seria mais capaz de atender às suas demandas, muito menos de ajudar a promover seus projetos. Por outro lado, enxergou em Hans Sloane a oportunidade que precisava, não apenas para sua candidatura, mas também para seus propósitos ao redor das coleções de *americana* para o gabinete. Uma interpretação corroborada, por exemplo, pelo fato de ter mantido atualizado, tanto com informações quanto com materiais da viagem, outro influente personagem e potencial facilitador de material de origem americana, também intermediado por John Lecaan, o naturalista holandês Herman Boerhaave. E, de fato, a correspondência entre Salvador e Boerhaave nos dá conta de que entre as contribuições do holandês para as coleções da família Salvador constaram itens americanos.

Fim da guerra e início de viagem: a rede *americana* de Joan Salvador

Esta nova fase vivida por Joan Salvador e as coleções familiares são, em boa parte, fruto de um empreendimento que movimentaria toda a correspondência e comércio por eles realizados. Na companhia de seu antigo companheiro Antoine de Jussieu, naquela altura botânico do rei da França, de seu irmão, Bernard de Jussieu (1699-1777), e também do gravurista Philippe Simonneau (1685-1751), Joan Salvador seria convidado a realizar uma viagem de herborização pela Península Ibérica, refazendo o itinerário e complementando as aportações que Tournefort havia feito décadas antes.³⁸

Encomendada pela Académie de Sciences de Paris, a viagem, que seria levada a cabo entre outubro de 1716 e maio de 1717, tinha por finalidade coletar espécies botânicas para o Jardin du Roi, onde Antoine de Jussieu atuava como demonstrador de plantas.³⁹ Ainda que mantivesse uma estreita relação com Jussieu, a nomeação de Joan Salvador como acompanhante da equipe pode ser interpretada mais em termos de estratégia do que em preceitos de afinidade. Além de seus conhecimentos botânicos sobre a flora local e sobre as questões idiomáticas, o sobrenome de Salvador também representava um importante e oportuno facilitador para a inserção e atuação da caravana francesa nos locais de passagem. Da mesma forma, Joan Salvador faria da aventura a oportunidade de viabilizar aquilo que há tanto tempo desejava: aproximar-se ainda mais da natureza das Américas.

Embora a expedição tivesse um objetivo oficial e seu itinerário contemplasse também áreas do interior da península, as expectativas de Joan Salvador conectavam-se, especialmente, com os centros do comércio colonial, naquele momento Cádiz, Sevilha e Lisboa. Através de seu diário, escrito durante a viagem, fica evidente seu entusiasmo em chegar às respectivas cidades.⁴⁰ Na mesma medida, reconhecemos sua decepção para com as cidades espanholas. Apesar de visitar espaços conectados diretamente com as colônias ultramarinas, como a Casa de Contratación e a Lonja de Sevilha, Joan Salvador apenas se limitaria a descrevê-las como não sendo “gran cosa”.⁴¹ O clima de frustração também pode ser identificado através das palavras de Antoine de Jussieu que escreveria para seu superior, o abade Jean-Paul Bignon, “nós realmente gostaríamos muito de descobrir Cádiz, seja pelas drogas ou pelo que vem de curioso das Índias ocidentais, mas em um par de dias vimos tudo o que nos interessava”,⁴² referindo-se à Cádiz. E, assim como Joan Salvador, Jussieu também concordava em sua frustração para com Sevilha: “encontramos ainda menos curiosidades e curiosos em Sevilha do que em Cádiz”.⁴³

Diante de um cenário tão aquém do idealizado – e imaginado através, por exemplo, da leitura de Monardes e Clusius, que foram referências explicita-

mente declaradas durante o planejamento da viagem – as expectativas recaíram sobre Lisboa. De fato, a visita à capital portuguesa era ansiosamente por eles aguardada por um motivo em específico: “se não estivéssemos com pressa de partir para Lisboa onde esperamos ver uma parte de desembarque da frota do Brasil”.⁴⁴ Como bem declara Antoine de Jussieu, a caravana tinha pressa de chegar a Lisboa para coincidir com o desembarque da frota que voltava do Brasil. Assim, não só chegariam no período programado, como permaneceriam na cidade por quase dois meses e meio.

Se por um lado Cádiz e Sevilha não atenderam aos seus objetivos, o mesmo não pode ser dito de Lisboa. Em boa parte, a produtividade sentida nestes espaços pareceu estar mais relacionada com uma questão de articulação do que de oferta e qualidade dos materiais disponíveis. As diferenças entre elas, então, são decorrentes da qualidade dos contatos que nelas tinham. Ou seja, nas relações pré-estabelecidas com personagens atuantes nas respectivas cidades.

Ao contrário do que pode ter acontecido na Espanha, Joan Salvador chegaria em Lisboa com uma não exatamente ampla mas importante rede de contatos previamente estabelecidos que o situava não apenas no cerne das atividades coloniais portuguesas, como também nos círculos científicos e eruditos daquele país. Este é o caso da família Almeida, de quem a família Salvador havia se tornado próxima no contexto da Guerra de Sucessão, em Barcelona.⁴⁵ Militar, Pedro de Almeida (1688-1756) havia combatido em importantes batalhas na guerra, estando em diferentes ocasiões na capital catalã. Por outro lado, seu pai, Dom João de Almeida (1663-1733), na condição de embaixador do rei de Portugal, estabeleceu-se em Barcelona junto à comitiva dos aliados de Carlos III.⁴⁶ Com aspirações intelectuais, e residindo a poucos metros na mesma rua da botica Salvador, tudo indica que pai e filho, em algum momento, estiveram em contato com os Salvador, seja visitando o gabinete ou participando das conhecidas tertúlias organizadas por Jaume Salvador.⁴⁷

A amizade dos Salvador com os Almeida certamente garantiu a recepção positiva que tiveram em Lisboa, impactando diretamente nos bons resultados que lá teriam. Mas, foi por uma feliz e oportuna coincidência que esta experiência se tornaria excepcional. Naquele mesmo momento, Pedro de Almeida havia sido nomeado governador das Minas e estava prestes a embarcar para o Brasil, onde assumiria seu mandato.⁴⁸ Sobre este episódio, e sobre as expectativas que dele surgiram, podemos ter uma ideia através das palavras de Jussieu: “o fato de conhecer Pedro de Almeida, que partirá para as Minas do Brasil, onde foi nomeado governador, nos será ainda mais vantajoso, dado que se ofereceu para recolher todo tipo de sementes em seu governo”.⁴⁹ Como vemos, mesmo com uma finalidade distinta da que lhe fora encomendada e confiada, a iminente conexão com a América e as expectativas de descobrir sua natureza, e mais ainda

do Brasil, acabou por ocupar um papel de protagonismo também nos interesses de Antoine de Jussieu. Assim, depois de tantas informações decepcionantes, Jussieu podia, finalmente, compartilhar com seu irmão a excelente e promissora novidade: “o senhor Salvador há muito tempo comercializa com este senhor e o amor que tem pela História Natural nos faz esperar belas coisas do Brasil enquanto lá ele estiver”,⁵⁰ deixando claro a importância de Joan Salvador não apenas nesta intermediação, mas na sua presença na viagem.

O cenário, portanto, não podia ser mais favorável para Joan Salvador. Ter um contato como Almeida era tudo e mais além do que precisava para garantir a viabilização de seus projetos referentes à aquisição de *americana*. Assim, durante sua permanência em Lisboa, trataria de articular uma rede de contatos criteriosamente selecionados de modo a assegurar que os seus interesses estariam preservados em sua ausência, assim que estivesse de volta à Barcelona. Estes colaboradores em quem Joan Salvador depositaria sua confiança compartilhavam algo em comum entre eles: assim como Salvador, eram todos catalães. A paisagem, nesta rede, desempenharia um importante papel. Além da procedência, estes personagens eram, quase todos, comerciantes. Não é novidade que a rentabilidade justificava um negócio, onde a manutenção de um comércio dependia das vantagens que representavam para todos nele envolvidos. Neste sentido, a paisagem estava intimamente relacionada com os ganhos que estes homens conquistariam ao colaborarem com Joan Salvador, um influente cidadão de sua pátria.⁵¹ Isso porque estes homens não tinham aspirações científicas ou eruditas e, enquanto comerciantes, além do lucro literal de suas atividades profissionais, as vantagens da associação a Joan Salvador eram, sobretudo, de caráter social, de vida privada e cotidiana.

É interessante notar que, diferentemente do que representava para seus renomados correspondentes ingleses, por exemplo, a atividade científica de Salvador parecia ser o que menos se destacava nesta ocasião. Mais do que isso, a reputação da família Salvador enquanto prestigiosos boticários, comerciantes e representantes políticos era o que os distinguiam. Assim, a dinâmica da comunicação se mostrou muito menos complexa, visto que os favores que Joan Salvador deveria cumprir quando, inevitavelmente, estava na posição de provedor, eram de fácil e rápida resolução. Nesta intermediação, quando julgavam ter tido um desempenho adequado perante os desejos de Salvador, solicitavam o abastecimento de alguns medicamentos para atender os pedidos de clientes em Lisboa, receitas de medicamentos para problemas de saúde, notícias da família e amigos, repasse de cartas, empréstimo de dinheiro e, dependendo do grau de realização e satisfação de Salvador, pedidos mais pessoais e audaciosos, como o que faria Pau Martí:

eu estimo de sua senhora as boas memórias, e a saúde com o filho que vossa mercê lhe dará em profecia e, se nascer menina, será o que eu e outros que ainda estamos para casar estamos precisando.⁵²

Os anos que se seguiram após a nomeação de Almeida foram marcados por uma intensa correspondência de Salvador com o núcleo português e, obviamente, com Antoine de Jussieu, que seguia igualmente na expectativa de conseguir as idealizadas coleções de plantas brasileiras. A impaciência de Salvador em receber notícias e coleções por parte do governador das Minas do Brasil pode ser reconhecida não somente nas suas cartas, mas também em uma das estratégias que encontrou para ser atendido em suas demandas: “no dia 14 de março saíram juntos os dois navios que vão à Costa de Mina, na África. No grande vai como cirurgião o seu recomendado e parente, Bruno Verdera, com carta de recomendação minha, para as Minas do Rio de Janeiro”.⁵³ Embora a correspondência remanescente não seja capaz de atestar com certeza, tudo indica que Salvador ajudaria um parente seu, Bruno Verdera, a embarcar para o Brasil para trabalhar como cirurgião. Certamente, contando com as convenções inerentes do parentesco, esperava dele receber o que até então não tinha recebido de Almeida.⁵⁴ Mas, tal como o ilustre contato, Verdera igualmente não corresponderia como Salvador esperava. A correspondência conservada e consultada referente a este núcleo não é capaz de informar se através de Bruno Verdera e Pedro de Almeida amostras de *americana* chegaram até Barcelona, embora Verdera tivesse anunciado em sua única carta conservada entre as documentações da Coleção Salvador, que estava reunindo uma especial coleção natural para Salvador, que naquela altura dizia já contar com: “alguns guizos de cascavel, algumas unhas de um pássaro voador, algumas unhas de um animal terrestre e uns bicos de outros pássaros, os bicos [são] coisa muito grande, e outras coisas que vou recolhendo”.⁵⁵

A insatisfação de Salvador desencadearia um desânimo generalizado entre seus intermediários, como podemos atestar com as palavras de Martí: “não sei que imã tem a linha equinocial que, quando as pessoas passam para a outra parte, cuidam tanto de si, que se descuidam das obrigações que têm com os outros que estão deste lado de cá”,⁵⁶ se referindo à falta de comprometimento de Verdera e Almeida.

Obviamente que o descontamento de Salvador implicaria na perda dos benefícios que estes homens gozavam com esta parceria. Assim, mesmo sem as notícias e materiais que Salvador tanto esperava, trataram de movimentar um comércio paralelo com o boticário onde, eventualmente, facilitaram amostras de *americana*. Embora estas amostras fossem do interesse de Salvador, elas não eram as coleções que ele queria. Portanto, quando alguma notícia ou material o agradava, de fato, o benfeitor se sentia no direito de ser recompensado à altura,

como fez Martí ao insinuar seu desejo em casar-se com a pequena Eulália Salvador – antes mesmo de seu nascimento – por ter finalmente satisfeito a seu pai.

A configuração deste comércio paralelo foi, portanto, tanto uma estratégia quanto uma oportunidade. Estratégia pela razão que acabamos de conhecer, em função da omissão dos correspondentes estabelecidos no Brasil, na tentativa de amenizar as insatisfações de Joan Salvador, dando provas de sua diligência:

estou esperando a frota da Bahia e com ela cartas de Barthomeu Bis, das Minas, para ver o que ele me responderá sobre as plantas medicinais que lhe encomendei, e o que ele me contar compartilharei com vossa mercê.⁵⁷

As palavras de Pau Martí são apenas um exemplo de como os próprios intermediários em Lisboa buscaram estabelecer contato e manter alguma correspondência com indivíduos que estavam no Brasil na tentativa de conseguir não apenas respostas para as demandas de Salvador com Almeida e Verdera, mas também com uma rede independente, articulada por eles mesmos para alcançar amostras de *americana* brasileira e poder reparti-las com Salvador.

Assim como Martí, Joan Sala foi um destes colaboradores com quem Joan Salvador manteve intensa comunicação e comércio, responsável por conectar o núcleo em Barcelona, com Lisboa e com o Brasil. A correspondência entre eles é especialmente interessante por nos ajudar a entender alguns princípios de classificação que deram significados distintos à natureza americana, segundo os critérios dos Salvador. O comércio paralelo movimentado por Sala, tal como conhecemos através do exemplo de Martí, também colocou em circulação amostras de *americana*. Mas, mais do que materiais para o gabinete e para atualização de informações, Sala comercializou itens que se enquadravam como *mercadorias* e não *curiosidades*.⁵⁸ Ou seja, provisões que certamente destinavam-se para a botica, chegando a enviar para Salvador, por exemplo, duas arrobas de salsaparrilha em uma única remessa.⁵⁹

É interessante observar que, apesar da quantidade adquirida sem aparentes dificuldades, indicando alguma regularidade de plantas medicinais no mercado português, podemos encontrar uma amostra de salsaparrilha entre os remanescentes da coleção de simples ervas medicinais que formaram parte do gabinete Salvador.⁶⁰ Isso indica que, em algum momento, a salsaparrilha foi também um elemento desejado, passando de um item colecionável, para um medicamento com utilidade bem definida. Confrontar a correspondência epistolar com a cultura material da coleção, embora nem sempre possível, se mostrou bastante sugestivo neste aspecto, pois tal como a salsaparrilha, pudemos encontrar outros casos semelhantes.

Em diferentes oportunidades, o médico francês Pierre Barrère, por exemplo, solicitou informações sobre plantas medicinais americanas a Salvador, perguntando-lhe em alguma dessas ocasiões: “a que preço se vende o sal da Inglaterra, a parreira-brava, a madeira nefrítica e o pau-ferro”.⁶¹ Barrère também perguntaria a Salvador sobre o *Cortex vinteramus*, dizendo ter interesse em comprá-los, esclarecendo: “tudo é para prover meu droguista que carece de tudo isso e não pude encontrar em Paris”.⁶² Destas plantas medicinais mencionadas, a salsaparrilha, a parreira-brava e o *Cortex vinteramus*, formaram parte da coleção *americana* dos Salvador, cujas amostras estão entre os seus remanescentes.

Americana para uma coleção?

Os exemplos acima são sugestivas referências dos critérios de classificação que Joan Salvador teria atribuído à natureza americana. Em boa parte, o que caracterizava uma amostra *curiosa*, merecedora de ser exibida nas vitrines do gabinete, pela qual todo esforço e articulação valeria a pena, era o seu caráter exclusivo, decorrente da novidade e da inacessibilidade de sua aquisição.⁶³ Por sua vez, esta classificação estava intimamente relacionada com os significados que esta mesma amostra representava para seus proprietários. O lugar que ocuparia nas prateleiras do gabinete ou da botica estava intimamente relacionado com o que seus proprietários queriam comunicar através da sua exibição. Elas eram importantes instrumentos de comunicação e legitimação com seus públicos, fossem eles colaboradores científicos, visitantes curiosos ou clientes da botica. Assim, a *americana* poderia ocupar simultaneamente diferentes espaços, justamente por não ter um lugar fixo nas atividades da família Salvador. Esta flexibilidade, por sua vez, é um reflexo do perfil de seus proprietários cujas muitas e diferentes frentes de atuação eram indissociáveis uma das outras, fundindo-se entre si.

Se por um lado a natureza americana mostrou-se impossível de ser definitivamente classificada nas coleções da família Salvador, reunidas e organizadas por Joan Salvador, por outro, sua aquisição, os agentes, os meios e as circunstâncias em que foram articuladas são frutos de uma criteriosa classificação. Todos os núcleos aqui analisados se consolidaram como uma via que conectou o gabinete Salvador com a natureza das Américas. A diferença, portanto, e que a correspondência analisada pode nos indicar, está justamente na classificação e nos significados que os Salvador atribuíram tanto aos seus contatos, como aos materiais que eles facilitaram ou, mais ainda, dos materiais que demonstraram serem capazes de fornecer. A expectativa foi, neste contexto, um elemento balizador de classificação. Através das expectativas surgidas de diferentes circunstâncias e oportunidades, Joan Salvador fez da natureza americana tanto um

item substituível, capaz de ceder espaço para outras coisas mais interessantes, à mesma medida em que a transformou em um elemento inegociável, onde nada seria capaz de substituí-la. O que correspondia, respectivamente, à *americana* genérica, facilitada pelo núcleo inglês – e também pelo núcleo português com seu comércio paralelo – e àquela idealizada através de Pedro de Almeida, a *americana* do Brasil.

Não podemos, infelizmente, conhecer a identidade dos provedores de cada amostra que formou parte da coleção de *americana* do Gabinete Salvador. Nem mesmo do momento e do meio que chegaram até as mãos de seus proprietários. É impossível, ainda, mensurar a rentabilidade, em termos de quantidade e/ou qualidade, que cada amizade e negócio teve para esta família de boticários, colecionadores e naturalistas. A documentação remanescente – manuscrita e material – não é capaz de indicar se o comércio com o núcleo português, que se conectava diretamente com o Brasil, foi mais produtivo do que o comércio com o núcleo inglês, tão complexo pelo conflito de interesses. Não podemos afirmar que Pedro de Almeida e Bruno Verdera, por exemplo, mesmo em condições privilegiadas, forneceram melhores exemplares para os Salvador que os que James Petiver forneceu. Neste sentido, é interessante observar que mesmo que materiais de origem americana tenham sido enviados desde Cádiz, por exemplo, a cidade ocuparia, juntamente com outros locais favoráveis para o comércio colonial como Sevilha e Madrid, uma posição bastante aquém da que Joan Salvador atribuía a seus colaboradores na capital portuguesa. Ainda assim, não deixa de ser surpreendente que nas redes tecidas pelos Salvador não se registre indício algum de uma via de chegada de materiais americanos desde as colônias espanholas. Em outras palavras, não identificamos um esforço de Joan Salvador em conseguir estabelecer uma rede específica para essa finalidade, tal como fez a partir da triangulação com Portugal e Brasil.

Diante de um cenário tão complexo, a experiência da família Salvador se consolida como um relevante testemunho de um evento que provou extrapolar os limites locais e/ou nacionais, tratando-se bem mais de um fenômeno de dimensão global. Da mesma forma, através das redes de comunicação e comércio articuladas e mantidas por Joan Salvador, com o apoio de seu pai, visando ampliar suas coleções de *americana* ficou suficientemente demonstrado que naquela conjuntura não houve espaço para atores passivos.

A correspondência privada da família nos permitiu conhecer e entender não apenas a dinâmica das relações que mantiveram com seus colaboradores, mas também, em níveis distintos, sua identidade. O conjunto de cartas analisado revela a diversidade de seus atores, no sentido mais amplo que a palavra pode traduzir. Boticários, médicos, religiosos, militares, comerciantes e toda uma infinidade de profissionais atuaram de forma ativa e até mesmo decisiva na

formação e atualização das coleções. Independentemente das razões que os motivaram a conectar-se às redes, manter-se nelas exigiu de cada um deles uma atuação flexível, capaz de neutralizar e possibilitar a divergência de interesses simultâneos em jogo. Tornou-se, então, insustentável enquadrar a atividade desses personagens cujos interesses não estavam necessariamente ligados ao colecionismo científico da época a partir de classificações fixas, atribuindo-lhes funções e papéis concretos. Da mesma forma, naturalistas que atuaram na linha de frente do colecionismo, também foram compelidos a adotar uma performance versátil, assumindo diferentes papéis – para além de receptores e fornecedores – e condutas que variavam conforme os interesses e o repertório dos envolvidos nas relações. A complexidade derivada dessas variáveis caracterizou não somente as relações interpessoais como também influenciou diretamente na forma como o próprio objeto foi nelas tratado. Neste aspecto, através da *americana* articulada pelos Salvador foi possível identificar que um único objeto podia adquirir múltiplos significados e representar inúmeras possibilidades ao mesmo tempo, como elementos coexistentes.

A projeção de expectativas tão díspares refletiu diretamente na forma como a natureza americana foi classificada naquele contexto, ressaltando a fluidez de suas fronteiras e cobrando de nós, historiadores, uma leitura que rompa com a rigidez classificatória, de definição irreduzível. Este viés interpretativo sugeriu que a *americana* teria ocupado diferentes lugares nas relações estabelecidas pela família Salvador. Ela teria sido, para além de objetos de exibição e estudo, instrumentos de trabalho e de promoção pessoal, profissional e social, um importante artifício de retórica, aplicado como a razão e o meio que permitiu manter vivo um intenso intercâmbio e comércio, onde circulou um grande fluxo de materiais, ideias e pessoas, viabilizando a organização de coleções e promovendo a construção de interpretações acerca de sua história natural, conectando diferentes atores e diferentes espaços físicos e geográficos.

Considerar a participação de atores heterogêneos, portanto, viabiliza a demanda latente da reconfiguração dos eixos que, tradicionalmente, estiveram plasmados em uma historiografia que priorizou relatos centrados em determinadas categorias de personagens e espaços. Ao mesmo tempo, promove a renovação de uma história marcada pelo antagonismo, onde toda a diversidade decorrente de participações tão plurais permaneceu eclipsada no enredo de seus protagonistas, cujos papéis estavam previamente estabelecidos e seguiram incontestáveis por tanto tempo. Ainda que a atividade e memória científica dos Salvador seja um estudo de caso, seu exemplo é bastante sintomático para o diagnóstico compartilhado em diferentes conjecturas, onde analisar as redes da comunidade de naturalistas e colecionadores a partir de centros e periferias, limitando-se a escalas locais e/ou nacionais, já não tem mais sentido. As declarações de Pierre

Barrère são, neste ponto, um perfeito retrato do protagonismo que coleções e colecionadores *provincianos* e suas redes particulares tiveram na existência do colecionismo até mesmo nos chamados epicentros da ciência. Um cenário que se consolida cada vez mais, conforme novas e peculiares narrativas vão se conectando e somando-se à discussão. Este é o caso da família Salvador: uma micro-história que alcança a dimensão de um fato histórico global.

Notas

Meu agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES-Brasil: BEX- 99999.001212/2015-00) e ao Fondo para la Investigación Científica y Tecnológica (FONCyT-Argentina: PICT 2020 3693) pelo financiamento das pesquisas que originaram este artigo. Agradeço especialmente, também, a Pepe Pardo, Irina Podgorny e Susana García pela orientação e suporte ao longo desses anos.

1. Tradução literal do francês: “Je vous prie Mr de avoir la bonte de me faire part aussi des plantes et autres curiosités que vous recevez des Indes, comme des coquilles, des Papillons, et autres, a la cognition des quelles je suis fort passioné; si vous souhaitez de des petrifications, du sel de Cardone, des coquilles, des plantes marines, et des plantes seches, en un mot de tout ce que contient l’histoire naturelle, je vous en faire part, de celles que nous avons en Catalogne”. Trecho de uma carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver, escrita em Barcelona no dia 24/12/1706. O manuscrito, assim como outros de sua autoria aqui mencionados, encontra-se conservado entre os expedientes privados de James Petiver nas coleções manuscritas de Hans Sloane, *Sloane Manuscripts* (Slo. Ms 4064, f.124), salvaguardadas pela British Library (BL), em Londres. Por outro lado, as cartas de autoria de Petiver destinadas a Salvador encontram-se depositadas no *Fons Salvador*, no Institut Botànic de Barcelona (IBB), em Barcelona. A correspondência epistolar entre os dois naturalistas foi extensamente trabalhada por Josep Maria Camarasa e Neus Ibáñez, que publicaram, na íntegra e em diferentes trabalhos, a transcrição das cartas trocadas entre eles. Neste caso, ver em: Josep Maria Camarasa e Neus Ibáñez, “Joan Salvador and James Petiver: A Scientific Correspondence (1706-1714) in Time of War”, *Archives of Natural History*, 34 (2007), pp. 140-173.
2. Sobre a atividade científica e colecionadora de James Petiver ver, por exemplo: Raymond Phineas Stearns, “James Petiver. Promoter of Natural Science, c.1663-1718”, *Proceedings of American Antiquary Society*, 52 (1952), pp. 243-365. E mais recentemente: Richard Coulton and Charles Jarvis (eds.), “Remembering James Petiver”, *Notes & Records. The Royal Society Journal of the History of Science*, 74: 2 (2020).
3. Para se aprofundar nesta discussão, remeto ao livro de minha autoria: Julianna Morcelli Oliveros, *Un museo en la trastienda: ciencia, comercio y naturaleza americana en la farmacia Salvador (Barcelona, 1669-1726)* (Rosario, Argentina: Prohistoria Ediciones, 2024).
4. José Pardo-Tomás, *Salvadoriana. El Gabinet de Curiositats de Barcelona* (Barcelona: Ajuntament de Barcelona/ Consell Superior d’Investigacions Científiques, 2014), p. 31. Para conhecer a longa história do Gabinete Salvador, desde sua formação até o redescobrimiento e incorporação de suas coleções como patrimônio da cidade de Bar-

- celona, ver, além da obra citada acima: Neus Ibáñez, Josep Maria Camarasa e Eulàlia Garcia Franquesa (eds.), *El Gabinet Salvador. Un tresor Científic Recuperat* (Barcelona: Manuals del Museu, 2019); Xavier Ulled, “De gabinet a museu: la col·lecció Salvador i els seus lubs a la primera meitat del segle XIX”, Phd diss., Universitat Autònoma de Barcelona, 2020; Xavier Ulled, *Entre la curiosidad y la utilidad. Colecciones y públicos en la Barcelona de José Salvador Soler (1804-1855)* (Rosario, Argentina: Prohistoria Ediciones, 2024).
5. Josep Maria Camarasa, “Botigues i rebotigues d’apotecaris”, in Albert Garcia Espuche (ed.), *Medicina i Farmàcia. Barcelona 1700* (Barcelona: Ajuntament de Barcelona, Barcelona, 2011), pp. 112-149.
 6. Sobre essas transformações e sua relação com o estudo do mundo natural, ver: Giuseppe Olmi, *L’inventario del mondo. Catalogazione della natura e luoghi del sapere nella prima età moderna* (Bologna: Il Mulino, 1992).
 7. Me refiro, especialmente, aos trabalhos de Filippo De Vivo, “Pharmacies as Centres of Communication in Early Modern Venice”, *Renaissance Studies*, 21:4 (2007), pp. 505-521; Florike Egmond, “Apothecaries as Experts and Brokers in the Sixteenth-Century Network of the Naturalist Carolus Clusius”, *History of Universities*, 23: 2 (2008), pp. 59-91; Dmitri Levitin, “‘Made Up from Many Experimental Notions’: The Society of Apothecaries, Medical Humanism, and the Rhetoric of Experience in 1630s London”, *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, 70: 4 (October 2015), pp. 549-587; Evelyn Welch, “Space and Spectacle in the Renaissance Pharmacy”, *Medicina & Storia*, 15: 8 (2008), pp. 127-158; Valentina Pugliano, “Natural History in the Apothecary’s Shop”, in Helen Anne Curry et al (eds.), *Worlds of Natural History* (Cambridge: Cambridge University Press, 2018), pp. 44-60.
 8. Paula Findlen, *Possessing Nature. Museums, Collecting, and Scientific Culture in Early Modern Italy* (Los Angeles: University of California Press, 1994).
 9. Embora permaneça um tema atual e produtivo, boa parte dos trabalhos que surgiram nas últimas duas décadas foram influenciados pela obra de Harold Cook, já considerada um clássico na historiografia: Harold Cook, *Matters of Exchange. Commerce, Medicine and Science in the Dutch Golden Age* (London; New Haven: Yale University Press, 2007).
 10. José Pardo-Tomás, “Escrito en la rebotica. Coleccionismo naturalista y prácticas de escritura en el gabinete de curiosidades de la familia Salvador. Barcelona, 1626-1857”, *Cultura Escrita & Sociedad*, 10 (2010), pp. 17-52.
 11. Sobre a correspondência epistolar como prática vital neste contexto, ver: Hans Bots e Françoise Waquet, *Commercium litterarium: la communication dans la République des lettres* (Amsterdam: APA-Holland University Press, 1994); Francisco Bethencourt e Florike Egmond, *Correspondence and Cultural Exchange in Europe, 1400-1700* (Cambridge: Cambridge University Press, 2007); Gabriella Camiciotti, “Letters and Letter Writing in Early Modern Culture: An Introduction”, *Journal of Early Modern Studies*, 3 (2014), pp. 17-35; Ana Paula Torres Megiani, “Das palavras e das coisas curiosas: correspondência e escrita na coleção de notícias de Manuel Severim de Faria”, *Revista Topoi*, 8 (2007), pp. 24-47.
 12. Pardo-Tomás, “Escrito en la rebotica”, p. 29-30, nos oferece uma breve apresentação dessas coleções espalhadas pela Europa. Para os casos da Espanha e de Barcelona, ver em: Camarasa, “Botigues i rebotigues d’apotecaris”, p. 131.
 13. José Pardo-Tomás, *Oviedo. Monardes. Hernández. El tesoro natural de América: colonialismo y ciencia en el siglo XVI* (Madrid: Nivola Ediciones, 2002), pp. 77-126.

14. Entre as obras remanescentes da biblioteca Salvador, encontra-se “Primera y segunda y tercera partes de la historia medicina de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales...”, 1574. Biblioteca Salvador, *Fons Salvador*, IBB, 13/IV/13.
15. Sobre o tema, ver F. Bethencourt e F. Egmond, *Correspondence and Cultural Exchange in Europe, 1400-1700* (Cambridge: Cambridge University Press, 2007).
16. A documentação conservada no *Fons Salvador* (IBB, Barcelona), mais especificamente as cartas escritas por James Petiver, é muito clara neste sentido, da mesma forma que as cartas escritas por Herman Boerrhaave também coincide com esta interpretação.
17. Martin Kemp, “Wrought by no Artist’s Hand: the Natural, the Artificial, the Exotic, and the Scientific in Some Artifacts from the Renaissance”, in Claire Farago (ed.) *Reframing the Renaissance: Visual Culture in Europe and Latin America, 1450-1650* (New Haven: Yale University Press, 1995), pp. 180-185; Daniela Bleichmar, “Seeing the World in a Room: Looking at Exotica in Early Modern Collections”, in Daniela Bleichmar e Peter Mancall (eds.), *Collecting Across Cultures: Material Exchanges in the Early Modern Atlantic World* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011), p. 19.
18. O uso do termo *americana* é uma convenção na historiografia, facilmente encontrada na bibliografia dedicada ao tema. Para conhecer outros exemplos de como a categoria se configura, ver, por exemplo: Peter Mason, “On Producing the (American) Exotic”, *Anthropos*, 91 (1996), pp. 139-151; Isabel Yaya, “Wonders of America. The Curiosity Cabinet as a Site of Representation and Knowledge”, *Journal of the History of Collections*, 20: 2 (2008), pp. 173-188.
19. Ideia desenvolvida em: Morcelli Oliveros, *Un museo en la trastienda*.
20. Sobre a rede “americana” de James Petiver, ver: Kathleen Susan Murphy, “James Petiver’s ‘Kind Friends’ and ‘Curious Persons’ in the Atlantic World: Commerce, Colonialism and Collecting”, em Richard Coulton and Charles Jarvis (eds.), “Remembering James Petiver”, *Notes & Records, The Royal Society Journal of the History of Science*, 74: 2 (2020), pp. 259-274.
21. Pardo-Tomás, “Escrito en la rebotica”, pp. 17-52
22. Como bem observado em Camarasa e Ibáñez, “Joan Salvador and James Petiver”, pp. 143-144.
23. Do inglês: “Although I have not had an answer to my last yet, I cannot miss this opportunity of writing to you by this curious gentleman and my worthy friend Dr John Lecaan, one of her Majesties of Great Britains Physicians, whom I recommend to your acquaintance and friendship. By him you will receive a collection of about 100 dry plants with 20 English ferns and 30 mosses, 40 East India grasses, *Cyperusses* and *Rushes* the Rest Cape Heath and American *officinalis* etc with 25 English butterflies and some American”. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (21/04/1708). IBB, *Fons Salvador*, cf., *ibid*, p.143.
24. Maria Antònia Martí i Escayol, “Catalunya dins la xarxa científica de la Il·lustració. John Polus Lecaan: medicina i botànica a Barcelona durant la Guerra de Successió”, *Manuscripts*, 19 (2001), p. 5.
25. Remeto novamente a Morcelli Oliveros, *Un museo en la trastienda*.
26. Pedro Andrés Pourret, *Noticia histórica de la familia Salvador de Barcelona [Nueva edición corregida y adicionada]* (Barcelona: Imprenta de Antonio Berdeguer, 1844); Antoni Bolós, “Nuevos datos para la historia de la familia Salvador”, *Real Academia de Farmacia de Barcelona: Discursos de recepción*, 3 (1959), pp. 7-50; Immaculada Caballer, “La familia Salvador, una nissaga d’apotecaris. Calella-Barcelona, 1309-1800.

- Aportació històrica i evolució de la farmàcia a la primera meitat del segle XVIII”, Phd diss. Universitat de Barcelona, 1985.
27. Camarasa, “Botigues i rebotigues d’apotecaris”.
 28. Ibid.
 29. Ibid.
 30. Sobre a correspondência e comércio entre Joan Salvador e Antoine de Jussieu, ver: Josep Maria Camarasa, “*Salvadoriana* II. Les Jussieu et les Salvador: deux familles de naturalistes au début du XVIII^e siècle”, em Y. Laissus (coord.), *Les naturalistes français en Amérique du Sud, XVI^e-XVIII^e siècles: Actes du 118^e Congrès national des sociétés historiques et scientifiques, Comité des Travaux Historiques et Scientifiques* (Paris: 1995), pp. 69-102.
 31. Sobre esta viagem, ver: Emma Sallent del Colombro e José Pardo-Tomás, “En busca de la iconografía perdida. Philippe Simonneau y los dibujos del ‘Viaje de España y Portugal’, 1716-1717”, em A. Zarzoso e M. Morente, *Cuerpos representados. Objetos de ciencia artísticos en España, siglos XVIII-XX* (Barcelona: Sans Soleil Ediciones, 2020), pp. 21-40; R. Folch, “Botánica para después de una guerra. El viaje de Joan Salvador y Antoine de Jussieu por España y Portugal”, *Science Studies Journal*, 4 (2014), pp. 125-131.
 32. Em Camarasa, “Botigues i rebotigues d’apotecaris”. Sobre a Guerra de Sucessão e sua influência na atividade científica, cultural e social em Barcelona, ver também: Albert Garcia Espuche, *Una societat assetjada. Barcelona, 1713-1714* (Barcelona: Editorial Empúries, 2014); Albert Garcia Espuche, *Barcelona 1700* (Barcelona: Biblioteca Universal Empúries, 2010).
 33. Sobre as tertúlias promovidas por Jaume Salvador e seus participantes, ver: Josep Maria Camarasa, “Descripcions i notícies del gabinet Salvador en llibres de viatges, guias i altres documents impresos (1713-1895)”, *Collectanea Botánica*, 37 (2018), pp. 1-40.
 34. Morcelli Oliveros, *Un museo en la trastienda*.
 35. Do inglês: “I desire you will take this into consideration and let me know your mind at large which I will communicate to our Royal Society and if you desire it propose you for a member which I believe they will not refuse upon my recommendation”. Carta de James Petiver a Joan Salvador i Riera (15/11/1715). IBB, *Fons Salvador*, cf. Josep Maria Camarasa e Neus Ibáñez, “Joan Salvador and James Petiver: the Last Years (1715-1718) of their Scientific Correspondence”, *Archives of Natural History*, 39: 2 (2012), p. 196.
 36. Conclusão interpretada ao longo da correspondência analisada detalhadamente em Morcelli Oliveros, *Um museo en la trastienda*.
 37. Tradução literal do francês: “J’espere au commencement de septembre faire un voyage en Espagne et Portugal et de tout ce que ramasserai vous ferai part”. Carta de Joan Salvador i Riera a James Petiver (09/08/1716). BL, MS-Sloane 4065, f.257; cf. Camarasa e Ibáñez, “Joan Salvador and James Petiver”, pp. 214-215.
 38. Sallent del Colombro e Pardo-Tomás, “En busca de la iconografía perdida”, pp. 21-22.
 39. Ibid.
 40. R. Folch, “Joan Salvador. Viatge d’Espanya i Portugal (1716–1717). [Manuscrito de 1716-1717]”, *Edicions 62*, Barcelona (1972).
 41. IBB, *Fons Salvador*, EST_1_28, cf. Folch, “Joan Salvador”, p. 19.
 42. Do francês: “nous esperions beaucoup decouvrir a Cadis soit pour la drogue soit pour ce qui vient de Curieux des indes occidentales; mais dans un couble de jours, nous avons vu tout ce qu’il y avait de remarquable”. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Sevilha, 28/12/1716). MHNN, Ms 902 (02), f.54.

43. Do francês: “nous trouvons encore moins de curiosité et de Curieux a Seville qu’a Cadis”. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Sevilha, 28/12/1716). MHNN, Ms 902 (02), f.56.
44. Do francês: “si nous n’etions pas si pressés de partir pour Lisbonne où nous espérons voir une partite du débarquement de la flottille du Brésil”. Carta de Antoine de Jussieu a Laurent de Jussieu (Sevilha, 28/12/1716). MNHN, *Fonds Jussieu*, Ms_Jus 1/2/34.
45. Camarasa, “Descripcions i notícies del gabinet Salvador”; Garcia Espuche, *Una societat assetjada*, pp. 82-84.
46. David Martín Marcos e Rodrigo Bentes Monteiro, “Penachos de ideias. A Guerra de Sucessão da Espanha e a formação de Pedro Miguel de Almeida e Portugal, 3º Conde de Assumar”, *Varia Historia*, 33: 61 (2017), pp. 253-284; David Martín Marcos, “A Embaixada de D. João de Almeida Portugal, 2º Conde de Assumar, na corte do arquiduque Carlos: notas diarísticas, percepções e identidade”, *Estudos & Documentos*, 23 (2015), pp. 263-284.
47. Ibid.
48. Sobre a trajetória de Pedro de Almeida como governador nas minas do Brasil, ver: Marcos Aurélio Pereira, *Vivendo entre cafres: vida e política do conde de Assumar no ultramar, 1668-1756*, Phd diss., Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2009.
49. Do francês: “La counoissance que nous avons fait de Pedro de Almeida qui va partir pour les Mines du Bresil ou il est nommé Gouverneur nous sera d’autant plus avantageuse qu’il s’est offert de nous faire cuillir toutes sortes de semences dans son Gouvernement”. Carta de Antoine de Jussieu ao abade Bignon (Lisboa, 14/03/1717). MNHN, *Fonds Jussieu*, Ms 902(2), f. 62.
50. Do francês: “Mr Salvador és toit depuis longtemps en commerce avec ce seigneur et l’amour qu’il a pour l’histoire naturelle nous fait espérer de belles choses du Brésil lorsqu’il y sera”. Carta de Antoine de Jussieu a Laurent de Jussieu (Lisboa, 26/01/1717). MNHN, *Fonds Jussieu*, Ms_Jus 1/2/15-43.
51. Sobre a atividade profissional destes catalães com o comércio ultramarino, ver, por exemplo: Alexis Serrano, “Pau Martí i la fundació del Monestir de l’Assumpció de Mataró”, em *Sessió d’Estudis Mataronins*, 21 (2004), pp. 181-190; Josep Maria Torras i Ribé, “Els corresponsals del comerç català amb Europa al començament del segle XVIII”, em *Recerques: història, economia, cultura*, 23 (1990), pp. 115-139; Merce Gras, “La confraria de Montserrat dels mercaders catalans a Lisboa (segles XVI-XVIII)”, em *Analecta Sacra Tarraconensia, Revista de Ciències Historioeclesiàstiques*, Tarragona, vol. 90 (2017), pp. 107-130; C. Bencomo-Mora, “La família Miláns. Comercio y nobleza en la Cataluña del siglo XVIII”, *Pedralbes*, 3 (1983), pp. 327-331.
52. Do catalão: “Jo estimo de la sua Señora las bonas memorias, y la saludo amb lo noy que VM^c li dona en profecia, Y si es axida noya serà lo que jo, y altres que estam pera casar havem menester”. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 09/01/1720). IBB, *Fons Salvador*, COR/02/05-2.
53. Do catalão: “lo dia 14 de dit mars avian eixit los dos vaxells juns que van a la costa de Mina en l’Africa, en lo gran va per cerurgiá lo seu recomanat y parent Bruno Verdera amb carta mia de recomendació per las Minas del Rio Janeiro”. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 02/04/1720). IBB, *Fons Salvador*, COR/02/05-3.
54. Entre a correspondência privada de Joan Salvador, conserva-se apenas uma carta de Pedro de Almeida (IBB, *Fons Salvador*, R.(02/23/03), escrita em Minas Gerais, em 1720. Mas, através das informações nela contidas, não restam dúvidas que havia escrito

outras cartas a Salvador. Seu conteúdo também expressa as dificuldades inesperadas que encontrou no país, que comprometiam o envio de “coisas naturais” de um lugar ao outro. Uma justificativa que seria entendida, mas não aceita por Salvador, como expressaria em uma carta escrita a Almeida (*Fons Salvador*, R(02/21)a), cuja cópia representa, também, o único testemunho direto dessa correspondência.

55. Do espanhol: “unos cascabeles de cobra y unas uñas de un pájaro volador y unas uñas de un animal terrestre y unos picos de otros pájaros, los picos [son] cosa muy grande, y otras cosas que voy recogiendo”. Carta de Bruno Verdera a Joan Salvador i Riera (Minas Gerais, 02/09/1721). IBB, *Fons Salvador*, COR/2/27.
56. Do catalão: “no sé que iman te la linea equinocea que quant passen la gent al altre part cuidan tant de si, que se descuidan delas obligacions que tenen als altres que estan desta part”. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 11/03/1721). IBB, *Fons Salvador*, COR/02/05-8.
57. Do catalão: “estic esperant la flota de Bahia, y ab ella cartas de Barthomeu Bis de las Minas pera veure lo quem responderá sobre los medecinals que li encomaní, y lo quem diga participaré a Vme”. Carta de Pau Martí a Joan Salvador i Riera (Lisboa, 09/01/1720). IBB, *Fons Salvador*, COR/02/05-2.
58. Algumas referências sobre o tema, para além da já citada obra de Harold Cook: Dániel Margócsy, *Commercial Visions. Science, Trade, and Visual Culture in the Dutch Golden Age* (Chicago: The University of Chicago Press, 2014); Anne Goldgar, *Tulipmania: Money, Honor, and Knowledge in the Dutch Golden Age* (Chicago: University of Chicago Press, 2007); Lorraine Daston, “Curiosity in Early Modern Science”, *World & Image: A Journal of Verbal/Visual Enquiry*, 11: 4 (1995), pp. 391-404; Lorraine Daston e Katharine Park, *Wonders and the Order of Nature, 1150-1750* (New York: Zone Books, 1998).
59. Esta fluidez com que os espécimes transitavam de um espaço para outros, engendrando um processo contínuo de ressignificação e classificação, possivelmente esteve presente na atividade científica e prática profissional de outros boticários colecionadores, como James Petiver, como nos sugere Katrina Maydon em: “James Petiver’s Apothecary Practice and the Consumption of American Drugs in Early Modern London”, em Richard Coulton e Charles Jarvis (eds), “Remembering James Petiver”, *Notes & Records, The Royal Society Journal of the History of Science*, 74: 2 (2020), pp. 213-238.
60. Morcelli Oliveros, *Un museo en la trastienda*.
61. Do francês: “a quel prix vend on le sel d’Anglaterrre, la pareira brava, le bois nephritique et le bois de fer”. Carta de Pierre Barrère a Joan Salvador i Riera [Perpignan, 20/05/1718]. IBB, *Fons Salvador*, COR/2/15-14.
62. Do catalão: “Lo tot es per guarnir mon droguier que manca de tot això y que no he pogut trobar a Paris”. Carta de Pierre Barrère a Joan Salvador i Riera [Perpignan, 27/05/1720]. IBB, *Fons Salvador*, COR/2/15-18.
63. Daston e Park, *Wonders and the Order of Nature, 1150-1750*; Findlen, *Possessing Nature*; Paula De Vos, “The Rare, the Singular, and the Extraordinary: Natural History and the Collection of Curiosities in the Spanish Empire”, em D. Bleichmar et al. (coord.), *Science in the Spanish and Portuguese Empires (1500-1800)* (Stanford, CA: Stanford University Press, 2008), pp. 271-290.